

A sociedade e a cultura material no sul do Brasil: A fronteira oeste no século XIX

Jeremyas Machado Silva¹

Através desse trabalho apresento ao leitor algumas considerações iniciais e resultados parciais de nossa pesquisa que esta sendo desenvolvida com o intuito de entender mais sobre o consumo, os valores e a formação da identidade da classe ociosa na fronteira oeste do Rio Grande do Sul no declive do século XIX. Partimos, portanto de uma investigação arqueológica, onde buscamos interpretar os vestígios das unidades domésticas utilizadas entre as famílias da época, focando principalmente, o consumo da faiança fina, a classe de louça mais popular em uso neste período.

Pensamos ser necessário estabelecermos um critério para o desenvolvimento e o entendimento desta proposta, a percepção da formação ou os processos de transformação de identidade na fronteira. Este processo entende a adoção de novos valores pela sociedade fronteiriça, principalmente a parte que se encontra predominantemente na estância e vai adotar práticas em voga em grandes centros urbanos e burgueses. Entendemos ser importante considerarmos as ligações existentes entre a “cidade” em desenvolvimento e o espaço das “estâncias” nos Rio Grande do Sul.

O consumo da faiança fina européia no espaço e temporalidade apresentados nos demonstra por detrás da aquisição do produto em si, enquanto usual, o apego e a intencionalidade de assimilação de múltiplas tendências da classe ociosa e a inserção de novos hábitos de consumo, de objetos, substâncias e comportamento social. Isso pode significar uma substituição funcional nos elementos apontados como unidades domésticas, como por exemplo, a faiança fina. Esta permuta da função caracteriza-se pelo abandono do uso apenas prático ou utilitário da cerâmica, com a finalidade de servir como utensílios alimentares e adere a proficuidades simbólicas de um apanhado nível de *status*.

¹ Mestrando em História pelo PPGH da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS.

No final do século XIX a fronteira oeste do Rio Grande do Sul sustentou um intenso comércio lícito, e também ilícito, presumível pela intensa navegação do Rio Uruguai que ligava esta região há grandes centros comerciais, como por exemplo, Buenos Aires e Montevideu. É neste contexto, que mercadorias de origem européia, entre elas, utensílios de cerâmica de mesa como a faiança fina, encontrava-se entre os produtos mais populares em meio à sociedade da época.

A fronteira possuía uma intensa movimentação portuária adjacente às águas do Rio Uruguai, onde se localizavam no transcorrer deste espaço, três expressivos portos nas cidades de Uruguaiana, Itaqui e São Borja. Além dos registros documentais que demonstram serem estes portos, oficiais e legais com relação às atividades comerciais, sabemos que a extensa área de fronteira permitia, no entanto, a constante prática do contrabando dos diversos produtos vindos do Uruguai, Argentina, Europa e desta região.

Considerando alguns resultados parciais da pesquisa, apresentamos no presente trabalho uma análise inicial considerando a cidade de Uruguaiana, desenvolvida as margens do Rio Uruguai. A cidade ampliou-se em um espaço privilegiado e fundamental para o desenvolvimento econômico da banda de fronteira do Rio Grande do Sul com os países platinos. Sobre o comércio e a circulação de produtos, segundo os resultados apresentados na pesquisa de Ronaldo Colvero, *“a movimentação de navios no porto de Uruguaiana foi muito intensa, sendo superior, inclusive, à do porto de Rio Grande durante todo o período analisado”* (Sobre dados das importações de 1850 a 1868).²

Desse modo, esta antiga atividade comercial, apontou fidedignos remanescentes arqueológicos na área urbana de Uruguaiana. Assim sendo desenvolvemos uma pesquisa onde coletamos em uma residência localizada no centro da cidade³ diversos

² COLVERO, Ronaldo. Negócios na madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: UPF, 2004. P. 130.

³ Residência localizada na rua: João Manoel nº 2611, centro de Uruguaiana.

fragmentos de faiança fina características da produção europeia e comparadas a outros fragmentos coletados em momento anterior no espaço das estâncias da região.

É neste contexto histórico e regional, que a faiança fina pode ser considerada não somente uma louça funcional em uso no cotidiano doméstico, mas portadora de uma linguagem que revela o *status* social e a identidade de uma classe que idealiza o estilo de vida burguês e europeu da sua época.

Vejam agora uma breve contextualização histórica sobre a produção da faiança fina na Europa para gradativamente compreender-mos este estudo. Início portando, uma análise ligeiramente didática para que o leitor compreenda o que chamamos por faiança fina, onde, e quando surgiu, e quais eram as suas finalidades.

A faiança fina é, portanto, uma classe de cerâmica que proporcionou uma inovação no mercado de utensílios domésticos na Europa do século dezoito, quando a nova tendência inglesa, inteiramente despontava-se à deglutição e a apreciação do chá. É no apropriado momento, em que o consumismo europeu está despertando e conseqüentemente acabará por se desenvolver no seio da sociedade burguesa, que este novo produto vai sublevar uma nova voga⁴.

No ano de 1759 em Staffordshire, Inglaterra, o avô materno de Charles Darwin⁵, o ceramista Josiah Wedgwood apurou as técnicas de fabricação da faiança fina. Durante os seus diversos períodos de fabricação partindo do final do século dezoito, ao início do século vinte, a faiança fina europeia sofreu diversas transformações em seu modo de produção. Neste processo, ganhou o emprego de diferentes tecnologias na constituição

⁴ VOGA, Sf. Ato de vogar; movimento de remos; divulgação; popularidade; reputação; uso atual; moda.

Dicionário escolar da língua portuguesa / Francisco da Silveira Bueno; colaboração de Dinorah da Silveira Campos Pecoraro, Giglio Pecoraro, Geraldo Bressane. – 11º Ed./ 13º tiragem – Rio de Janeiro; FAE, 1994. P. 1204.

⁵ Charles Robert Darwin (Shrewsbury, 12 de Fevereiro de 1809 — Downe, Kent, 19 de Abril de 1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia. Ver mais em http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin acesso em 26/02/2010.

da sua pasta e seu esmalte, e obteve variadas técnicas na aplicação de estilos e figuras. Sobre o esmalte das peças foi possível aplicar formas decorativas e artísticas, pinturas, transferências de imagens, relevos e carimbos, processos que ao longo dos anos foram ganhando características únicas segundo o seu aperfeiçoamento na indústria.

Desta forma, com o emprego e a valorização da arte nas peças, esta louça tomou o cenário burguês ganhando além da sua colocação prática e funcional, uma conotação simbólica de *status*.⁶ A louça fez muito sucesso na Europa e estava perfeitamente harmonizada com o cenário burguês. Vejamos o que o historiador Eric Hobsbawm tem a nos falar sobre a valorização da arte.

Toda essa burguesia européia passou a dar um imenso valor à arte, passando a consumir a arte de forma nunca vista antes, um consumo crescente e acelerado. Poucos estavam prontos a gastar dinheiro tão livremente com as artes e, em termos puramente quantitativos, nenhuma sociedade precedente comprou tamanha quantidade de livros velhos e novos, objetos materiais, quadros, esculturas, estruturas decoradas, de madeira e bilhetes para representações teatrais ou musicais.⁷

No Brasil, a faiança fina foi densamente utilizada pela sociedade e conseqüentemente, este consumo deixou numerosos vestígios e evidências arqueológicas em diferentes sítios históricos por todo o país.⁸ Peculiarmente no espaço

⁶ A questão da significação conduz de imediato a uma abordagem dos fenômenos de denotação e conotação do signo. De um signo denotativo pode-se dizer que ele veicula o primeiro significado derivado do relacionamento entre um signo e seu objeto. Já o signo conotativo põe em evidencia significados segundos que vêm agregar-se ao primeiro naquela mesma relação signo / objeto. Em / o tutu estava espalhado sobre a mesa /, o signo / tutu / pode atribuir à mensagem duas diferentes significações,

conforme o entrono maior que a envolve: denotativamente pode-se entender que sobre a mesa /, fora espalhado o prato à base de feijão; conotativamente, que sobre a mesa havia dinheiro espalhado. Em *otras inquisiciones*, Jorge Luis Borges fornece um exemplo literário, mais rico que o anterior. “Ao falar das alegorias, trata dos dois conteúdos abrangidos por uma forma: um, o imediato ou literal (denotativo, diríamos), de que é exemplo: Dante, guiado por Virgílio, chega a Beatriz”. O outro figurativo (em nossa terminologia, conotativo): “o homem enfim chega à fé, guiado pela razão”. NETTO, J. Teixeira Coelho.

Semiótica, Informação e Comunicação. Coleção debates: Semiótica. São Paulo - SP. 1990. Editora Perspectiva S.A. P.24.

⁷ HOBBSAWN, Eric J. *A era do capital, 1848-1875* / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

⁸ A faiança fina foi à classe de louça doméstica mais popular no Brasil oitocentista, começando a ser importada principalmente da Inglaterra após a abertura dos portos em 1808. TOCCHETTO, Fernanda B. *A Faiança Fina em Porto Alegre: Vestígios arqueológicos de uma cidade /por/* Fernanda Bordin

fronteiriço do Rio Grande do Sul a cerâmica chegada da Europa entrava na região através da navegação do Estuário do rio da Prata e por sua vez alcançando os caminhos do rio Uruguai.

O intenso comércio mantido com as cidades portuárias de Buenos Aires na Argentina e Montevideu no Uruguai era na maioria dos casos, realizado por um significativo número de imigrantes ingleses e franceses que se encontravam residindo em Uruguiana.⁹ Este antigo comércio promoveu a obtenção de um crescente desenvolvimento urbano e manteve desta forma um modelo de organização social onde os valores culturais da sociedade burguesa¹⁰ eram mantidos assegurados pelo capital econômico e por uma série de tendências européias relacionadas às formas de comportamento da sociedade.

Estes valores passam por importâncias econômicas e caracterizam-se atingindo modelos sociais, de princípios, etiquetas e comportamentos, extremamente ligados às formas decorativas, as artes, a cultura¹¹ e a estirpe burguesa. Isso tudo, ligado à representatividade e a intencionalidade dos bens de consumo, entre estes bens, destacamos a faiança fina.

Cada vez mais, as considerações de estilo e de estética passaram a preceder as utilitárias. Que um objeto não tenha se exaurido em sua utilidade não é mais motivo suficiente para sua preservação; se ele é ou não capaz de

Tocchetto / e outros/ Porto Alegre, EU / Secretaria Municipal da Cultura, 2001. 168p. P. 22.

⁹ O viajante francês Avè-Lallemant no ano de 1858 relata Uruguiana como sendo uma vila com cerca 2.000 habitantes, movimentada por uma atividade comercial bem definida atribuída aos europeus que aqui viviam e por quase não se identificar em Uruguiana um modelo de cidade brasileira, mas sim uma hispano-francesa. COLVERO, Ronaldo B.; Negócios Na Madrugada, O Comércio Ilícito na Fronteira do Rio Grande do Sul, Passo Fundo: UPF, 2004.

¹⁰ Burguesia: Em seus princípios do comunismo (1847), Engels define burguesia como “a classe dos grandes capitalistas que em todos os países desenvolvidos, detém hoje em dia, quase que exclusivamente, a propriedade de todos os meios de consumo e das matérias primas e instrumentos (máquinas, fabricas) necessários a sua produção”. Ver mais em: Dicionário do pensamento marxista / Tom Bottomore, editor; Laurence Harris, V.G. Kiernan, Ralph Miliband, co-editores; tradução, Waltensir Dutra; organizadores da edição brasileira, revisão técnica e pesquisa bibliográfica suplementar, /Antonio Moreira Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. P. 38.

¹¹ Robert C. Dunnell define o “conceito de cultura” dizendo que pode ser entendido como; “significando idéias compartilhadas e nada mais”. DUNNELL, Robert C., 1942 – Classificação em Arqueologia / Robert C. Dunnell; tradução Astolfo G. M. Araujo. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

satisfazer a condição mais importante de estar na moda é agora o fator decisivo. Este desenvolvimento representa um triunfo do estilo sobre a utilidade, da estética sobre a função e, mais importante, exprime uma redefinição radical da idéia de status e do uso dos bens para expressar status. Se antes os bens carregavam a mensagem de status através de sua “pátina”, agora eles a carregam através de seu aspecto novo. Isso já era verdade para certos bens, como o vestuário, desde o período elisabetano, mas agora passaram a abarcar novas categorias de produtos, como as cerâmicas e a mobília.¹²

Os remanescentes arqueológicos¹³ da área urbana de Uruguaiana estavam perfeitamente relacionados em um contexto onde a estrutura residencial caracterizava-se pela influência do arquétipo arquitetônico europeu. Esta indução é perceptível nos seus acabamentos e decorações no formato físico, assim, encontram-se possuindo grandes aberturas frontais, adornos, colunas e influências do neo-classismo.

Também os materiais empregados no casario, como telhas, e grés com denominações estrangeiras proporcionaram a percepção e a legitimação da presença da cultura européia.¹⁴ Associado a este conjunto, foi possível encontrar fragmentos de faiança fina logo nas primeiras intervenções, que foram coletas superficiais na parte posterior da estrutura. Levamos em consideração as condições adversas em que se encontrava o solo da área pesquisada. A sua perturbação era constantemente mantida devido ao cultivo de hortaliças e acúmulo de lixo ali depositado recentemente. Provavelmente a antiga lixeira onde os artefatos haviam sido depositados já havia

¹² McCracken, Grant *Cultura e Consumo: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. P.39.

¹³ A arqueologia estuda, diretamente, a totalidade de material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico. FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia / 2*. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

¹⁴ Desde sua constituição como países independentes, as nações latino-americanas vêm apresentando grandes dificuldades em se libertar da condição colonial. Mesmo que a maioria destes países já esteja se aproximando do segundo centenário de sua administração autônoma, a condição de países periféricos aos grandes centros econômicos mundiais fomentou o desenvolvimento também dependente destes mesmos centros. Isso vale para a cultura em geral e para a arquitetura em particular. WEIMER, Günter. *As relações Arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os Países do Prata: VI encontro de teoria e história da arquitetura no Rio grande do Sul Universidade integrada do alto Uruguai e das missões URI – campus Santiago*. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Organizadores: Macklaine Miletho Silva Miranda, Nelci Fatima Denti Brum. Santa Maria: Pallotti, 2002. P 13.

sofrido intervenções o que deveria ter causado a dispersão de todo o material pelo terreno e reduziram assim as possibilidades de uma melhor análise da área pesquisada.

No transcurso do trabalho, foi aberto um poço teste medindo 2m² de onde foram retirados fragmentos de faiança fina, vidrarias e metais em decomposição. Foram coletados na residência fragmentos de louças provindas da Europa com os seguintes padrões decorativos: Faixas e frisos, *willow*, azul borrão, *cut sponge* entre frisos coloridos, *spatter* e faianças com o padrão trigal de superfície modificada.

A cultura material nos serve como fonte documental para que possamos desvelar as particularidades das sociedades aquém ela esta relacionada. Em alguns casos, os registros em documentos oficiais não demonstram os acontecimentos relativos puramente ao cotidiano dos grupos sociais ou a sua análise descritiva e interpretativa acaba por não preencher totalmente os anseios do pesquisador.

Existem outros caminhos que podem ser trilhados pelo historiador para que o mesmo possa encontrar as respostas para as suas perguntas, além da análise de documentos oficiais utilizados como fontes primárias em suas pesquisas. Pode o historiador valer-se de fontes orais, jornais, revistas, filmes, documentários, fotografias, sites na internet, músicas e uma infinidade de outras possibilidades.

O arqueólogo por sua vez, conta ainda com o estudo da cultura material, a qual, ele pode considerar sua fonte para a realização da investigação, dando através do seu estudo das “coisas” voz a grupos que não possuem escritas ou documentações oficiais. Além disso, é possível por meio da cultura material, obtermos outras visões e interpretações da história. Toda a pesquisa a ser realizada depende das fontes que estiverem dispostas, e a metodologia a ser aplicada para o seu desenvolvimento. Desta forma a metodologia deverá relacionar-se com os tipos de fontes que se encontram disponíveis no momento. Em nossa pesquisa buscamos compreender através do estudo da cultura material, o comportamento da sociedade na fronteira do Rio Grande do Sul no final do século XIX.

A nossa pesquisa esta inserida nos estudos da arqueologia histórica, assim, a interpretação da cultura material se relaciona a documentações históricas examinadas em arquivos. Deste modo, tem revelado a nós pesquisadores, uma constante de fatores de origem social, política e econômica. No período abrangido em nosso estudo, a fronteira dispõe de um grupo que detém grande parte do poder econômico da região na estância. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do comércio e das cidades, como é o caso de Uruguaiana é constante e provoca a entrada de novos elementos no processo de desenvolvimento econômico da fronteira.

Neste processo, pretendemos analisar as relações entre a cidade e a estância, fugindo de um aspecto que possa criar a polarização destes elementos, mas sim perceber as suas ligações. As estâncias de gado da região, legado dos jesuítas que aqui estiveram a partir do século XVII, acabaram por se tornar o alicerce econômico da fronteira. No final do século XIX com o desenvolvimento urbano e o comércio realizado no Prata a sociedade da fronteira acaba por adquirindo novos valores, estes totalmente ligados ao consumo.

Desta forma, mesmo o senhor proprietário de terras, que possui uma identidade estabelecida “o estancieiro” começa por adentrar a modernidade, as novas tendências da moda, ao consumismo e ao ócio. A faiança fina da área urbana de Uruguaiana relaciona-se com remanescentes arqueológicos encontrados também em áreas rurais na fronteira, e isso indica momentaneamente, que podemos estabelecer através da cultura material uma ligação entre estes dois elementos, estes dois mundos, o da estância e o da cidade.

Percebemos, portanto certa flexibilidade de valores, isto significa uma contínua mobilidade cultural, e assim se dá a formação de uma identidade que será típica da fronteira neste período. Em nossa análise, podemos utilizar a combinação de dois elementos: Os valores burgueses que provém da Europa e de grandes centros comerciais da América, entre estes como exemplos, o consumo, a arte, a moda, o uso de objetos com a louça e a apreciação do chá. Pondo-se combinados a valores já existentes no local, como: A lida com o gado vacum, a ingestão da carne bovina, o “churrasco”, o “chimarrão”, e a administração da estância.

Portanto, é o conjunto destes e outros elementos, como o comércio, a navegação no Rio Uruguai e as relações mantidas entre a cidade e estância que serão desenvolvidos os fatores intercessores da formação da identidade da sociedade na fronteira do Rio Grande do Sul no século XIX. Assim, partindo da análise inicial da cultura material, da arqueologia e da história, daremos continuidade a esta pesquisa para que possamos identificar o ócio e as representações de *status* para compreender-mos melhor a sociedade da fronteira do Rio Grande do Sul na temporalidade sugerida.

Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland. **Mitologias** / Roland Barthes; tradução de Rita Buongermino e Pedro Souza. – 11^o ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. P. 134/135.

COLVERO, Ronaldo B.; **Negócios Na Madrugada, O Comércio Ilícito na Fronteira do Rio Grande do Sul**, Passo Fundo: UPF, 2004.

DUNNELL, Robert C., 1942 – **Classificação em Arqueologia** / Robert C. Dunnell; tradução Astolfo G. M. Araujo. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia** / 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.
HOBSBAWN, Eric J. **A era do capital, 1848-1875** / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

McCRACKEN, Grant **Cultura e Consumo: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MILLER, Daniel. **Coca-cola: a black sweet drink from Trinidad**. In: BUCHLI, Victor. (Org.) *The Material Culture Reader*. New York: Berg, 2002.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, Informação e Comunicação**. Coleção debates: Semiótica. São Paulo - SP. 1990. Editora Perspectiva S.A. P.24.

PINTO, Luís Flodoardo Silva. **A Batalha de Uruguaiana: Episódio da guerra da tríplice aliança (1864 – 1870)**. Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, AGE 2002.

PEIXOTO, Luciana. **Catálogo de faiança fina da residência de conselheiro Maciel** / UFPEL, 2004.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti, **História regional: dimensões teóricoconceituais – História debates e tendências** – Passo Fundo. V1. N 01. P 15- 22. Junho de 1999.

RHODEN, Luiz Fernando. **As relações arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os países do Prata** / Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

ROSA, Estefânia Jaékel da; SILVEIRA, Graciela Fonseca. **Projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas** / UFPEL

SHÁVELZON, Daniel. **Catálogo de cerâmicas históricas de Buenos Aires (siglos XIX e XX). Com notas sobre la región del Rio de la Plata** / Buenos Aires: Fundación para la Investigación del Arte Argentino, 2001.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. **Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX** / Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998. TOCCHETTO, Fernanda B. **A Faiança Fina em Porto Alegre: Vestígios arqueológicos de uma cidade** /por/ Fernanda Bordin Tocchetto / e outros/ Porto Alegre, EU / Secretaria Municipal da Cultura, 2001.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **História, Região e Poder: A busca de Interfaces Metodológicas** – LÓCUS, Revista de história, Juiz de Fora, Vol. 3 n° 1 – P. 34 – 97.

WEIMER, Günter. **As relações Arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os Países do Prata: VI encontro de teoria e história da arquitetura no Rio grande do Sul** Universidade integrada do alto Uruguai e das missões URI – campus Santiago. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Organizadores: Macklaine Miletho Silva Miranda, Nelci Fátima Denti Brum. Santa Maria: Pallotti, 2002. P 13.

WEINSTEINS, Bárbara **História regional versus história nacional: repensando as categorias de uma perspectiva comparativa.** Territórios e Fronteiras - Revista do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso.